

USO ATUAL DE ARTEMIA (BRANCHIOPODA, ANOSTRACA) NO BRASIL

Renato de Medeiros Rocha^{1*}, Diógenes Félix da Silva Costa¹, João Paulo de Oliveira Medeiros¹, Milton Araújo de Lucena Filho, Samuel Araújo Bezerra¹ e David Hélio Miranda de Medeiros²

¹Laboratório de Ecologia do Semiárido / Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Campus de Caicó)

²Universidade Estadual do Ceará

E-mail: renatocaico@yahoo.com.br

De acordo com a estimativa do IBGE (2014), o Brasil tem mais de 200.000.000 de habitantes e possui uma das maiores reservas de água doce do mundo, com cerca de 8,2 bilhões de metros cúbicos de água em rios, lagos, represas e zonas úmidas, além da extensa faixa litorânea que se estende pelo Oceano Atlântico, cobrindo 7.367 km. A sua produção hídrica representa 53% da produção de água doce do continente sul-americano (334 mil m³/s e 12% do total mundial). Apesar disso, a produção anual de pescado no país gira em torno de 1,5 milhão de toneladas, sendo a produção aquícola muito pequena em relação ao seu enorme potencial.

Apesar do forte crescimento da Aquicultura nos últimos anos, a produção de cistos/nauplii de *Artemia* nas larviculturas (sobretudo de camarões marinhos) não tem aumentado significativamente e segue uma mesma produção em torno de 2-3 tons de cistos e 20-25 tons de *Artemia* congelada, por ano. A grande maioria desta produção é consumida pelo mercado da aquariofilia e em pequenas hatcheries, onde não é tão rigoroso o controle da presença de vírus nos cistos de *Artemia*.

De acordo com os dados do Censo da Carcinicultura Nacional (ROCHA, 2011) o Brasil fechou o ano de 2011 com uma área total de 19.847 hectares de viveiros em operação, com uma produção de 69.571 toneladas, e uma produtividade média, de 3.510 kg/ha/ano. A produção de larvas de camarão marinho (principalmente do *Litopenaeus vannamei*) no Nordeste do Brasil representou 98,8% da produção brasileira. Em 2013, como reflexo da crise econômica internacional e o fechamento de algumas carciniculturas, o Rio Grande do Norte manteve a produção de PL em 10 larviculturas, com uma produção de nauplii em torno de 3.500.000/mês e uma produção em torno de 1.000.000 de PLs/mês, o que dá em torno de 55% da produção nacional; como para a produção de 1 milhão de post-larvas se utiliza, em média, 2,5Kg de cistos de *Artemia*, isso leva a se considerar uma demanda de aproximadamente 5 tons de cistos de *Artemia*/ano para suprir adequadamente o mercado brasileiro de produção de camarões.

O governo brasileiro até hoje não estimulou o suficiente as pesquisas de novos produtos derivados da *Artemia* (como farinhas liofilizadas, dietas enriquecidas, *pellets*, etc.), além de não exigir o mínimo de controle das viroses transmitidas pelos cistos. Mesmo com sua ampla distribuição e ocorrência natural, verifica-se a ausência de projetos com vistas no melhoramento dessa produção, com poucos avanços nessa discussão tanto no âmbito do Ministério da Pesca, quanto da Associação Brasileira de Criadores de Camarão. No momento, a produção anual abastece ineficientemente o mercado interno, representado principalmente por laboratórios de larvicultura de camarão marinho, piscicultores e pequenos criadores de peixes ornamentais. Além de que, atualmente a indústria de cistos de *Artemia* no Brasil se resume a um único empreendimento extrativista (coleta) de cistos e/ou biomassa e que não atende a toda a demanda de cistos/biomassa nacional.

O principal uso de *Artemia* no Rio Grande do Norte é em salinas solares. Eventualmente, a cada ano, se faz uma inoculação de nova população de *Artemia* advinda de eclosões de cistos coletados na própria salina. Tudo isso é feito em forma muito rudimentar, mas permite que novos indivíduos sejam recrutados à população de *Artemia* que se mantém ativa por mais um ano. Normalmente, esse fluxo de entrada de *Artemia* é também auxiliada com a “reciclagem” de indivíduos que estão em salinidades superiores a 180 g.L^{-1} para as salmouras em torno de 100 g.L^{-1} que habitualmente não tem predadores para a *Artemia*. Esse processo é feito com grandes redes que são colocadas no fluxo de passagem da salmoura entre os tanques evaporadores e transferidas rapidamente para a água de mais baixa salinidade.

Não existe no Brasil nenhuma experiência exitosa de cultivo de *Artemia* em viveiros, como a exemplo do Vietnã (Hoa, 2012). A falta de investimentos em tecnologia apropriada no manejo e beneficiamento do produto no Brasil tem provocado uma baixa no preço do cisto produzido no RN (US\$ 50-70/kg), apesar de manter as suas qualidades nutricionais (nauplii de pequeno tamanho e com altos níveis de ácidos graxos poliinsaturados, principalmente o 20:5w3 e 20:4w6).

Palavras-chave: *Artemia*; aquicultura; carcinicultura; salinas solares.